

**Quantos mares tem o mar:
O conhecimento dos fundos marinhos e a partilha
da informação**

Luís MARTINS

Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia / Museu Nacional de Etnologia
e-mail: sousa_martins@hotmail.com

Resumo

As populações que vivem da pesca nas zonas costeiras e estuarinas possuem por vezes um importante conhecimento dos ecossistemas por si explorados. Uma das manifestações mais relevantes deste património são os nome dos mares (incluindo a localização, a natureza e forma do fundo, e espécies lá encontradas). A comunidade científica poderia beneficiar de uma aproximação a esta outra comunidade, de saberes empíricos, sobretudo visando a constituição de programas de sensibilização para o uso selectivo de artes de captura.

Palavras-chave: conhecimento, informação, partilha.

Abstract

The populations that live in coastal areas and in estuary regions have a specific knowledge of the local ecosystems. One of the main traces of this peculiar heritage corresponds to the names that are given to "seas" (including location, estuary and river's bed nature and shape and endogenous species). The scientific community could benefit from the empirical knowledge that is a heritage and a peculiar trace of these local communities, with the goal of establishes projects aimed to the selective use of fishing gear.

Key-words: knowledge, information, share

Résumé

Les populations qui vivent de la pêche dans les zones côtières ont parfois une importante connaissance des écosystèmes, exploités par eux-mêmes. Une des manifestations plus rélevantes sont les noms des mers (leur localisation, la nature et la forme du fond, et les espèces y rencontrées). La communauté scientifique pourrait bénéficier d'une approche à cette autre communauté des savoirs empiriques, visant surtout la constitution de programmes de sensibilisation pour l'usage sélectif des arts de capture.

Mots-clé: connaissance, information, partage.

1. Marcar e dar nomes aos locais de pesca

Os procedimentos para *marcar o mar* são um antigo costume entre pescadores, que tomam referências em terra, as *marcas* (casa, telhado, árvore, bosque, caminho, monte, farol, etc.), e traçam a partir de si uma linha recta, um *enfiamto*, unindo um objecto próximo do litoral e outro situado em segundo plano. Dois ou três enfiamentos dão a extensão de um pesqueiro, na gíria da classe designado um *mar*, nomeado na ocasião, ou mais tarde quando se quebra o sigilo mantido pelos que o exploram: com o nome do seu descobridor, de alguém que nele pesca, a invocação de uma circunstância, a forma ou tipo do fundo nesse ponto, uma das marcas, etc.

Centro o meu argumento em três modos de demarcação de áreas marítimas e estuarinas: i- o *cercos* ou redes tapa-esteiros da margem Sul do rio Tejo (Montijo, Barreiro, Alcochete e Seixal); ii- os desenhos num caderno de um mestre do arrasto costeiro; iii- uma representação dos fundos marítimos utilizados pelos pescadores da Ericeira. Eles estão associados aos conhecimentos específicos desenvolvidos pelos pescadores sobre as áreas que exploram.

Pergunto-me se o facto das pescarias costeiras constituírem uma *forma de vida* de famílias não será favorável à partilha de informações, entre profissionais do sector e comunidades científicas, num contexto onde estas querem levar o mais longe possível o conhecimento da natureza e das populações que a usufruem, e os armadores pensam na rentabilidade do investimento e no desempenho competitivo. Sendo a maioria das experiências de pesca vividas por famílias, que tiram partido da produção científica e tecnológica a partir das suas intuições, instintos e técnicas profissionais, há sentido na partilha, entre estas duas classes, de conhecimentos e sentimentos?

2. Os ofícios do mar são vividos e sentidos

Na actualidade os *electrónicos* – termos genérico com que os pescadores falam das modernas tecnologias – fornecem a localização rigorosa de um ponto no mar. No entanto, os profissionais da pesca local e costeira afirmam que o verdadeiro domínio da aprendizagem e da avaliação dos conhecimentos é o embarque e o trabalho embarcado (e não a escola). Talvez por os *habitats* por si explorados já serem conhecidos de familiares e antepassados, com quem aprenderam. Quer dizer, o saber, útil, pragmático, não é uma ciência que se libertou do empirismo. Pelo contrário, por se basear na capacidade de observar, imitar, inovar estratégias, estar atento, ter vontade, a ciência das coisas da pesca, professada pelos profissionais, será menos a prática de uma teoria saída do laboratório para as pescarias, que um processo de renovação dos conhecimentos herdados. As modernas tecnologias ganham significado quando integradas na massa desta herança, utilizadas por profissionais, cuja experiência inspira a estratégia correcta de pesca, que vão reunindo registos das suas acções de captura para os aplicar no momento adequado.

Podem alterar este imaginário a presença crescente dos *electrónicos* nas embarcações, e os discursos dos organismos estatais, dos grupos de defesa do ambiente, da opinião pública e dos cientistas, visando a contenção das capturas. Porém, não apagam a relevância das famílias e do trabalho em exercício na transmissão do saber. Nem parecem modificar o facto dos pescadores de um determinado porto de pesca, usufruindo uma área marítima ou estuarina, possuírem um rol relativamente homogéneo de nomes dos pesqueiros e dados sobre os hábitos dos peixes, ciclos das marés, condições do mar, fases da lua, orientação dos ventos, etc. Um património de que uma fracção significativa, contudo, não passa para a escrita, porque apesar de partilhado localmente, não tem sido inventariado e sistematizado, para uso de cientistas, gestores e autoridades marítimas. É também substituído com rapidez pelos dados precisos dos novos instrumentos, os quais tornam dispensável o apuramento dos instintos e intuições para descobrir o peixe, marcar pesqueiros e aperceber os ritmos da vida no mar.

2.1. Os mares do cerco ou artes *tapa-esteiros* da margem sul do Tejo

Os pescadores do Montijo, Barreiro, Seixal e Alcochete lançaram no *mar* do Tejo, da área do Mouchão da Póvoa às proximidades do Pontal de Cacilhas, até aos anos 1980s, artes feitas de panos de rede rectangulares, de cerca de trinta a cinquenta metros de comprimento por cerca de quatro metros de altura cada um - reaproveitados das redes do cerco pelágico para a captura da sardinha -, unidos uns aos outros, a fim de formarem uma barreira contínua.

Depois de percorrerem as margens do rio e das calas afluentes em busca de sinais de peixe, os mestres escolhiam o local onde fazer o lance. Se tivessem encomendas para uma dada espécie armavam onde ela era mais abundante (havia lances próprios para a tainha e para a enguia). Na vazante, com os terrenos emergentes a descoberto, as companhas colocavam as redes seguindo uma paralela à linha de água da baixamar, numa extensão que dependia da inclinação local, dos esteiros, da configuração da margem, etc. O aparelho armado ficava depositado no leito, com varas de quatro a cinco metros de comprimento espetadas e na vertical, em intervalos regulares, enquanto a maré subia.

Na preia-mar os tripulantes de um bote seguiam ao longo da fileira de varas e levantavam a parte de cima da rede (a de baixo mantinha-se enterrada no leito ou presa à pedra ou ostra), fechando a fuga ao peixe que subira com a enchente para comer nos esteiros e na vegetação junto à terra. Durante a maré vazia a companha percorria o perímetro delimitado pelo cerco e recolhia as presas à mão.

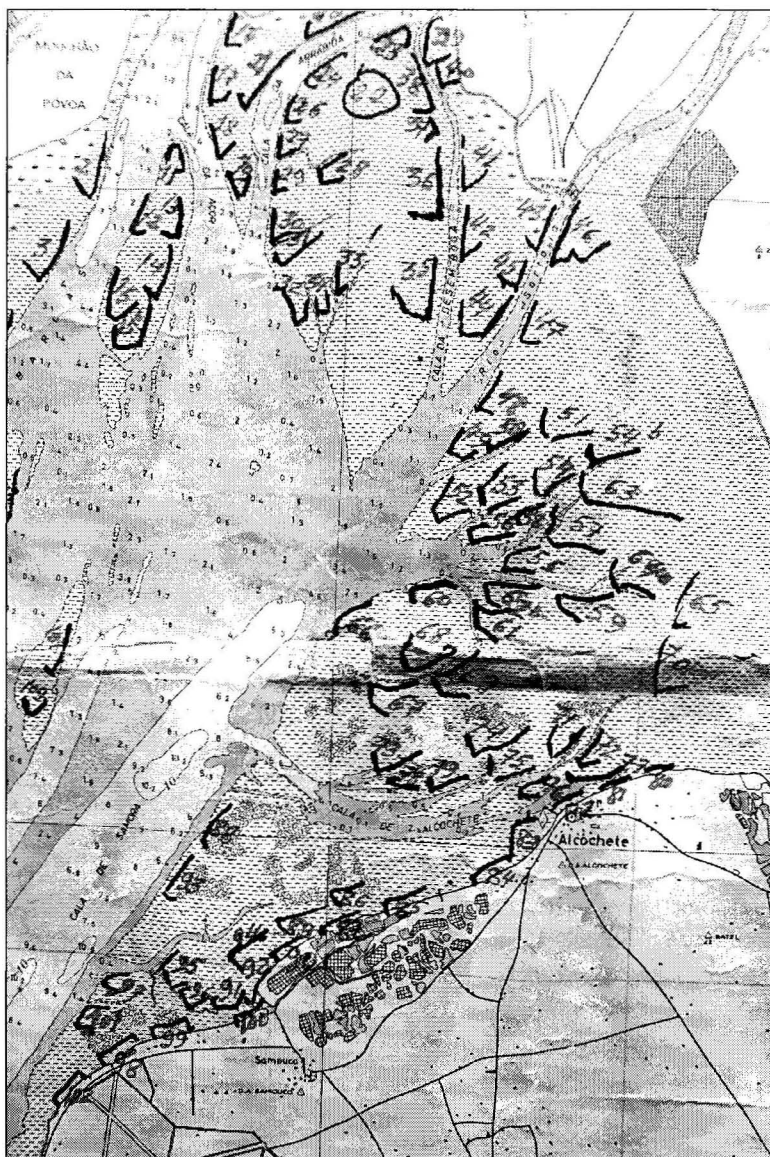
Inventariei, junto destes pescadores, um pouco mais de duzentos locais (Ver figura 1, Pormenor dos *locais dos lances do cerco ou artes tapa-esteiros*), onde se armava o cerco, as suas características, nomes e os peixes neles apanhados em maior quantidade. Deixo aqui uma pequena amostra da recolha na área da Cala do Barreiro (abrangendo o Rio de Coima e o Rio Judeu), e a indicação da espécie mais abundante em cada um¹. O linguado pescava-se bem no *Mexilhoeiro por Mar*, *Mexilhoeiro por Terra*, *Recosta por Terra*, *Lance do Alto dos Fornos*. *Mares muito quentes em enguias* eram o *Bom Futuro*, frente à quinta da Lomba, a *Cala de Corroios* e a *Cala da Amora*. No *Lance da Seba* encontrava-se algum robalo e muito linguado.

2.2. Os mares do bloco de notas de um mestre do arrasto costeiro

Os mestres dos navios que puxam redes de arrastar falam do fundo do mar como de uma paisagem de estradas, escolhos, escarpas, vertentes, abismos, subidas, descidas, lugares do peixe, sítios de inversão de marcha. É um fenómeno fascinante que tento captar transcrevendo as palavras de um desses profissionais acerca dos caladouros entre a entrada da barra de Lisboa e a Costa da Galé. Aprendeu a localização dos pesqueiros para os arrastões pela *moda antiga, por marcas, numa época em que era tudo a olho, por milhas, quando o único radar era a gente conhecer o fundo, saber onde estavam as pedras e o seu tamanho, no meio do oceano, para evitar passar com a rede por cima* (Ver figura 2, *Apontamentos*

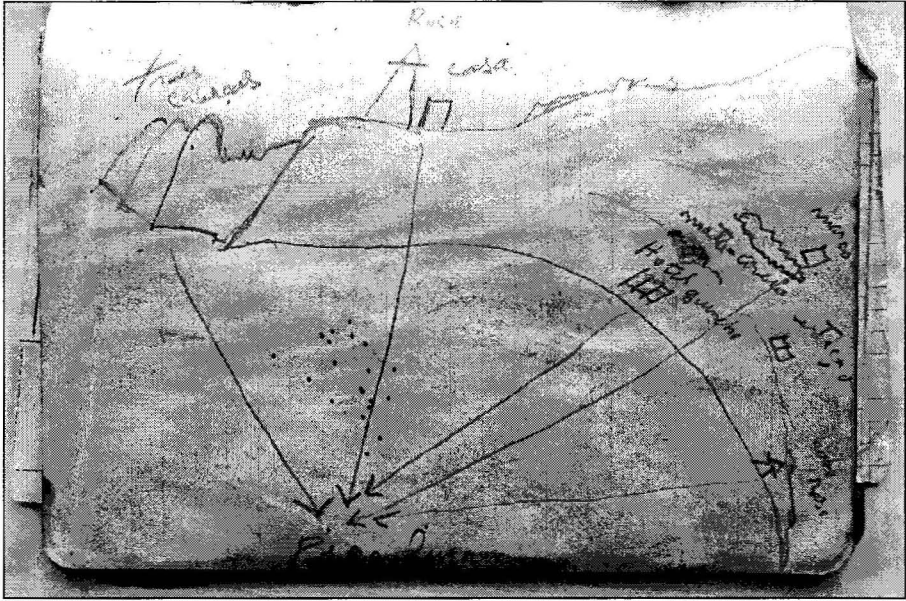
¹ As expressões ... *por mar* e ... *por terra* têm a ver com a amplitude da vazante. Isto é, em temporadas que a maré vazava pouco as armações eram colocadas em pontos mais próximo da terra; nas épocas das grandes marés ficava mais terreno a descoberto e as redes distribuíam-se por sítios mais distantes.

Figura 1 – Locais dos lances do cerco ou arte tapa-esteiros.



de um bloco). Frente à barra do rio Tejo, arrastando nas sessenta e quatro, sessenta e cinco braças, no mar da *Ramagem*, pelas sessenta e sete braças, sessenta e seis e meia, com os faróis da barra já ocultos, há perigo, há pedras lá no fundo. Por isso desvia-se rumo ao fundão do Cabo Espichel, para as sessenta e cinco, sessenta e seis braças.

Figura 2 – Apontamentos de um bloco.



Na costa portuguesa é bom ter sempre *duas marcas, uma do Norte e outra do Leste, e quando estamos em cima delas, estamos em cima de um peguilho no fundo, uma coisa que não deixa passar o arrasto* (cascos²; pedras, rochas, etc.). Por exemplo, no mar d'A Risca - onde faz um longo trajecto, d'A Risca ao Cabo Raso, passando pela *Risca de Terra, Risca do Meio e Risca de Fora* – é difícil trabalhar porque *a rede faz fixe muitas vezes³, ou vem rasgada*.

Saindo da barra de Lisboa temos o que a gente chama *O Parcel, que é liso como esta mesa. Para Sul, em frente à Fonte da Telha apanham-se muitos fundões quase junto à terra. Para o lado do mar é mais baixo. É fundo a parcelar. Entretanto, aí a umas seis milhas e meia, no início do fundão, o parcel mergulha e já não se pode passar para lado nenhum com a rede. É muita fundura, e com pedras. E por terra também não, por ser tudo rochedo*. Nesta extensão encontra-se o *Mar do Cabo Feito de Terra* (a cerca de 69 braças), do *Cabo Feito do Meio* (em redor das 150 braças), e do *Cabo Feito da Fundura* (de 160 a 400 braças). No primeiro apanha-se marmotas, tamboris, raias, chicharros, carapaus, fanecas, polvos cabeçudos, outros tipos de polvo, sardinhas (quando enterram a cabeça no fundo). No *do Meio* pesca-se tamboris, marmotas maiores, fanecas maiores, besugos, chicharros, artas (um tipo de solha) e raias. No *Cabo Feito do Fundo* captura-

² Palavra empregue pelos pescadores para todo o navio naufragado.

³ Isto é, ficava presa num obstáculo, impedindo o avanço do barco.

se, entre outras espécies, os imperadores, chamados cardeais em Peniche e na Nazaré.

Num outro caladouro, vai-se a arrastar, deixando o Cabo da Roca para trás, a umas doze milhas da costa da Ericeira: *a Roca tem de despegar, tem de andar para fora; vai-se sempre pela terra, de Leste, ou seja, onde está a Ericeira, o Magoito, a Praia das Mações, sempre pelas doze milhas, e quando a Roca estiver às quinze milhas, é o fim do mar, vai à rede*⁴. É um local apertado, com pedras, onde o navio não consegue inverter a marcha, nem por terra, nem por mar. Leva-se o arrasto para mais fundo, sessenta e duas braças (*suponhamos, a gente vai pelas sessenta e oito braças. Mas faz o jeito, vai pelas setenta, setenta e duas braças*), e a cerca de quatorze milhas do Cabo da Roca *dá a volta por terra, que é sempre o que faz mais feição. Do lado de estibordo. Querendo apanha-se o mesmo caladouro para continuar a arrastar a rede. Contudo, tem de se lembrar dos cascos, entre eles o casco do mar da areia, a setenta e duas braças e meia, no mar da areia.*

Em dias de vendaval dirige-se para Sul, para a *Mama Grande*: costa da Galé, costa de Tróia, até à Ponta de Sines, onde encontra abrigo dos ventos de Sul, Sul-Sueste e Sudoeste, embora seja área proibida por dentro das seis milhas: *aquilo é uma espécie de uma arena, em redondo... Tem a Lagoa de Santo André, mais acima um bocadinho o Castelo de Santiago do Cacém, que a gente faz marcas dele...* Trabalha nas enseadas abrigadas da costa, cuja forma constitui uma protecção aos ventos *do Sudoeste e Sul-Sudoeste*. Ao regressar a Setúbal ou Lisboa *faz o jeito da costa, sempre a arrastar até chegar frente a Tróia*, onde ala a rede por causa do fundão que prolonga o talweg do rio Sado.

2.3. Os mares da Ericeira de Francisco Alberto e Joaquim Massapês

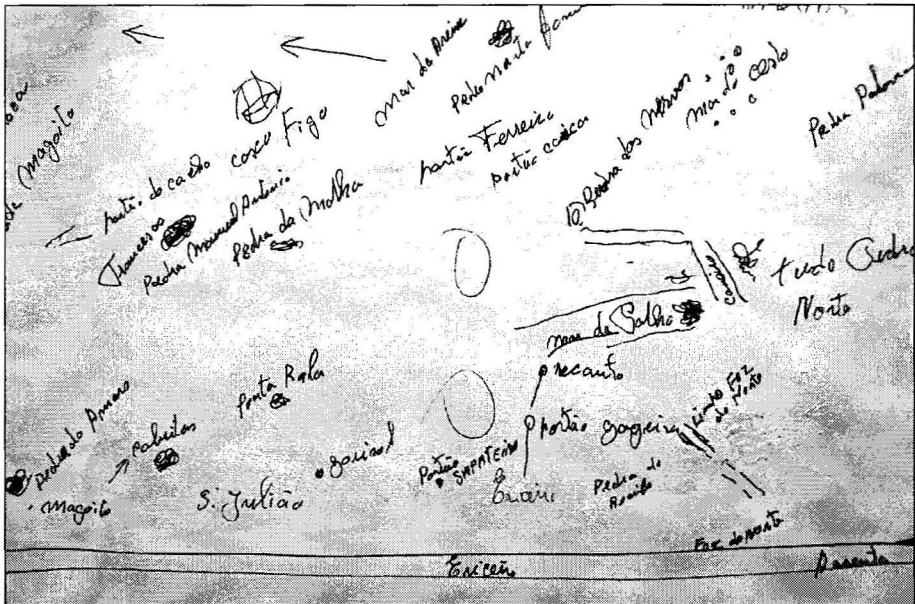
Nos processos de reconhecimento dos mares na pesca local e costeira reencontramos o detalhe dos mapas mentais dos fundos (localização, natureza, forma e dimensões), e o inventário das espécies capturadas em cada pesqueiro, com as variações entre épocas.

É inegável que a frota da pesca artesanal, operando dentro do limite das seis milhas de distância à costa, é a mais sensível aos efeitos da actividade humana sobre os litorais. Mas esta é uma questão respeitante à frequência dos recursos comercializados num ecossistema e num conjunto de *habitats* específico. Não retira relevância ao conhecimento popular das regiões marítimas. De modo diferente, dá-lhe protagonismo num laboratório ideal de cientistas e organismos de investigação, para a partilha do património de saberes de cada tracto costeiro.

⁴ Quer dizer, recolhe-se a rede de arrasto.

Os mares das artes sedentárias, em termos gerais denominados *pedra*, *lodo*, *cascalho*, *limpo*, formam uma paisagem de pontos de referência, frequentados pelos peixes segundo os hábitos alimentares, e usufruídos pelos pescadores em função de uma série de factores: apropriação do pesqueiro por demarcação na superfície marítima (por via dos aparelhos de pesca), rentabilidade comparada dos vários fundos e espécies no mercado, e experiência própria e dos antepassados (Ver figura 3, *Mares da Ericeira*).

Figura 3 – Os Mares da Ericeira



3. Reflexão - “o princípio do mundo são os mares”

Curiosa esta afirmação, ouvida especialmente entre os pescadores de mais idade. Por vezes remete para uma cosmogonia. Mas com frequência interpreta a perspectiva, de quem afirma, de que o conhecimento das áreas costeiras e das suas pescarias tem os extractos mais ricos ao nível local e regional, nascido da empatia das populações que exploram estes ecossistemas e se servem de um acervo herdado e transformado ao longo das gerações, sendo a memorização dos nomes dos sítios (incluindo localização e espécies que nele param), um dos primeiros actos desta aprendizagem, senão o mais importante.

Nem as observações que venho realizando, nem os autores que estudaram este tema, colocam em relação directa a profundidade destes conhecimentos e a

ideia de uma ética da preservação das condições de vida das espécies comercializadas. Os sistemas tradicionais de pesca não são concebidos nem aplicados com a intenção de preservar a capacidade de renovação da fauna. Para os armadores destas pescas a estabilidade na exploração dos recursos só tem sentido no âmbito de um equilíbrio entre os seus conhecimentos, as mutações e inovações tecnológicas e a defesa da viabilidade económica das empresas e portos de pesca. Nesta óptica seria interessante a concepção de um protocolo científico-administrativo, funcionando com uma estrutura de pesquisa em ciências sociais e da natureza, que mantenha contactos permanentes com a classe piscatória, partilhando posições sobre a permanência e mudança de sistemas de pesca.

Bibliografia

- ACHESON, James (1981) Anthropology of fishing in *Annual Review of Anthropology*, nº 10, pp. 275-316.
- ALVES, Joana Lopes (1999) *Roteiro de Pedras das costas da Ericeira e Cascais pelo pescador Fernando Brites*, Grafivedras, Torres Vedras.
- AZEVEDO, José de (2001) *Histórias do Mar da Póvoa*, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Póvoa de Varzim.
- BERKES, Fikret (1995) Indigenous knowledge and resource management systems: a nature Canadian case study from James Bay in *Property rights in a social and ecological context: case study and design applications* (S. Hanna e Mohan Munasinghe eds.), Beijerinternational Institute of Ecological and Economics and the World Bank, Washington, pp. 99-109.
- BIGET, Denis (1997) *Histoire des écoles de pêche maritime: contribution à une ethno-sociologie des populations littorales*, Nature & Bretagne Coop Breizh.
- DELBOS, Geneviève e Paul JORION (1984) *La transmission des savoirs*, Éditions de la Maison des Sciences de L'Homme.
- LOTURE, Robert de (1946) *Les pêches maritimes*, Société d'Éditions géographiques, maritimes et coloniales, Paris.
- NUNES, Francisco Oneto (1999) O problema do aleatório: da coerção dos santos ao idioma da inveja, in *Etnográfica*, vol. III (2), pp. 271-291.
- PÁLSSON, Gísli (1994) Enskilment at sea, in *Man* (N.S.) 29, pp. 901-927.